

# NabucoPugs

Memórias de um Canil





### Dicas para ler o livro no seu IPAD

- Para melhorar a leitura, aproxime 25% do zoom
- As configurações de leitura do arquivo são automáticas
- Leia o livro com o ipad na posição vertical



### Dicas para ler o livro no seu computador

- Melhor resolução para a leitura do livro: 1024 x 768
- Utilize a roda de aproximação do mouse para zoom
- Para passar ou voltar a página use os comandos :



# Nabucopugs

Memórias de um canil

Esta é uma obra literária que conta a nossa experiência com o Canil Nabuco.

Um hobby e uma paixão.

Embora faça algumas referências ao manejo e à criação da raça pug, este não é o objetivo deste livro.

Angela Nabuco  
2013

"Esta história foi escrita para os amantes de cães.  
Porque ninguém, além deles, poderá entendê-la."



**Agradecemos aos amigos que tornaram o livro possível, pela sua competência e tolerância para comigo**

**Edição - Bruno dos Santos Rocha**

**Revisão - Leila Barbosa, professora de Português e Literatura da UFJF**

**Versão para o inglês: Aline Paula Rodrigues e Ramon Xavier Monteiro**

## Índice

À Guisa de Prefácio

Greta Garbo, quem diria

A Ninhada Top ou Puppy, a Supermãe

Aquelas muitas tarefas

Best in Show

Preferida

Como no Velho Oeste

Garotas Douradas

Os Homens Não Choram

Brincando de Deus ou o Criador de Pugs

Nem Sempre Tão Amigos

Os Filhos Pródigos e os Novos Ventos

A gente faz uma coisa por um tempo

Déjà Vu

Nabucos nas pistas

Flavia (Foto Leo Nabuco)



## À Guisa de Prefácio

Nunca escrevi um livro de memórias. Antes do canil, a minha vida era mais linear e nada incomum. Nunca a ponto de interessar a qualquer pessoa, além da família ou de amigos muito chegados. Mas, depois de tantas e inusitadas aventuras com os pugs, achei que alguns leitores pudessem se divertir com elas.

Como nosso canil produziu inúmeros frutos, também supus que vários criadores pudessem se divertir com a história de seus pugs Nabuco, ou de seus ascendentes. Imaginei que gerasse interesse a forma como essa história se desenrolou, os erros e acertos, e todo o empenho no desenvolvimento da linha de sangue de nossos cães, já que o sucesso do canil serviu de base para aqueles que acreditaram em nosso esforço. Hoje, acompanhamos esses pugs Nabuco que ainda brilham ao redor do mundo, seus descendentes e seus felizes proprietários, com gratidão pela continuidade que emprestam ao nosso trabalho. Eles serviram de estímulo para o registro de nossa experiência.

Para os expositores que apostaram em nossos pugs, destacando-os nas pistas, o nosso agradecimento por terem nos ajudado a divulgar o nome do canil. Afinal, investir num filhote promissor é um voto de confiança na seleção genética que realizamos.

Para todos aqueles que trataram seus pugs com amor e respeito, até o final da curta vida de um cão, vai também a nossa mais sincera homenagem.



Madonna, Puppy, Betty Boop e eu







Agradecemos à Silvia e Alexandra, funcionárias do canil, sempre dividindo conosco as alegrias e as tristezas, meticulosas no manejo trabalhoso com os pugs. A Marcelo Coelli, handler dedicado e competente que ajudou as estrelas do canil a brilharem nas pistas. À nossa filha Leticia que nos auxiliou na trabalhosa tarefa de seleção dos novos proprietários e na entrega dos filhotes. Ao meu marido que, àquela época, foi incansável ao me acompanhar nas exposições Brasil afora, e ao acordar à noite com as ninhadas. Ombro a ombro, comemorando as vitórias e segurando as derrotas.

Para os amantes de cães que não conhecem as particularidades da cinofilia, que é a arte de criar cães de raça, tive o cuidado de entrar em alguns detalhes a título de informação. Peço desculpas aos criadores por terem que ler sobre algo que sabem de sobra. Podem pular essas partes, se desejarem. Mas acredito que esses mesmos criadores, principalmente os da raça pug, vão se identificar na leitura das dificuldades e alegrias dessa arte desafiadora.

A última ninhada, nascida em nossa casa, é de abril de 2008, mas o canil continua vivo nos vinte pugs com os quais temos o prazer de conviver. Não poupamos esforços para que continuem usufruindo de todo o conforto e carinho que merecem.



Sílvia e Alexandra. Sem essa preciosa ajuda, tudo teria sido muito mais difícil.



Sílvia & Vicky



Alexandra & Carol

## Greta Garbo, quem diria?<sup>1</sup>

Imagine-se acordando cedo e querendo ficar um pouco mais embaixo das cobertas naquela manhã fria e neblineta.

Depois se levantando, tomando seu café e caprichando no vestuário. Roupa de linho branco, sapatos altos, perfume francês, maquiagem discreta.

A seguir você entra no seu carro, dirigindo rumo ao hospital. Assim começa mais um dia dentro de uma sala de exames, mergulhado em completo escuro. Janelas fechadas, não dá para saber se chove ou faz sol. Concentração total, olhos colados no visor do aparelho que fica entre você e o paciente. Ele de queixo apoiado, e você entretido com o mundo de cores que mora dentro dos olhos das pessoas. Precisão absoluta na sua mão, que aciona o botão do laser. Um errinho e pronto! O cidadão pode ficar cego!

Você ouve, examina, cuida e acompanha cada caso, acostumado com a dor humana. E depois de tantos anos, já nem percebe o peso da responsabilidade nos seus ombros contraídos.

Fim do dia, você volta para casa. Lá encontra o casamento estável e feliz, dois filhos adolescentes, uma bela casa. A vida e a carreira seguindo conforme o desejado. Tudo muito previsível.

Até folhear uma revista e se deter na foto de uma mulher sentada num sofá com seus muitos cães, que pulam sobre ela. No rosto, um sorriso aberto denuncia a felicidade, enquanto pequenos gremlins (que você fica sabendo se chamarem pugs) brincam. E você a inveja, encantado com aqueles seres. Alegres e exóticos, pura expressão da beleza.

<sup>1</sup> O título “Greta Garbo, quem diria?” faz referência a uma peça teatral encenada no Rio de Janeiro, de nome “Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá”.

Irajá é um bairro da periferia do Rio de Janeiro.



Custei a encontrar Lolita. Onde se escondiam aqueles brincalhões da foto, sem focinho? Não no Brasil, isso era certo. E não sosseguei enquanto não a tive em meus braços! Lolita era o meu objeto de desejo, de cara enrugada e rabo enroladinho. Temperamento forte, exibida e senhora de si. Tão pequena comparada ao dogue alemão que montava guarda em nosso portão. Aquele mesmo que Lolita passou a dominar, tão logo cresceu um pouquinho. O que não percebíamos é que a pug já comandava a casa toda, principalmente a mim, cujo interesse se voltava inteiramente para ela.

A convite de amigos, levamos Lolita para as exposições de cães. Um mundo inteiramente novo, pura emoção, distante da minha rotina disciplinada de trabalho. Longe do sofrimento com o qual até então eu escolhera conviver. Ela adorava o jogo. Exibia-se nas pistas, conduzida pelas mãos do handler, enquanto eu acompanhava de longe, torcendo em silêncio, para não atrapalhar o desempenho.

Foram inúmeros prêmios. A campeã se tornou famosa, e eu passei a ser a dona da Lolita. E me senti estranhamente leve, eu que desconhecia o peso que as roupas brancas colocavam sobre mim.



Lolita na cama





Cruzamos Lolita com um macho forte de nome Cacá. E só depois que as quatro bolinhas de pelo corriam pela casa, compreendi quem é que ditava as regras. Perdemos o controle, nós, os humanos.





A seguir importamos Vivi, que também teve filhotes. Ficamos com uma fêmea dessa ninhada, a quem chamamos de Bonnie, e adquirimos um belo macho de nome Truck, pelo formato compacto e forte do corpo dos pugs.





Bonnie



Truck

Agora novamente se imagine assumindo uma tripla jornada: a medicina, as ninhadas e as exposições de cães, e sendo sugado pela força de uma turbina monumental. De tanto trabalhar, está bem mais esbelto, e olheiras escuras emolduram os seus olhos.

Você vai ter que fazer uma escolha, e acaba se entregando aos pugs: aqueles olhos súplices, o corpo pequeno e forte, a cara preguiçada, o andar rebolado. Assim você vende a sua clínica e substitui o jaleco, o perfume francês e os saltos altos pela roupa de casa, coberta dos pelos que eles deixam cair durante o ano todo, naquela muda interminável, própria da raça.

Como saber do perigo que eu corria? Pois nunca imaginei que fosse acabar nisso. Ou começar. Para aqueles que achavam um absurdo trocar a medicina por uma criação de cães, foi o fim da linha. Para outros, foi o começo de um trajeto inusitado. Pouco tempo depois, o canil começava a se tornar conhecido pelos lindos cães e pelos muitos prêmios nas pistas.

Era o começo da saga que já modificava a vida de todos em nossa casa. Os pugs vão tomando conta do território devagar. Começam de forma sutil, mas aos poucos tudo passa a girar em torno deles. Nossos sofás foram forrados com tecido impermeável para facilitar a limpeza. Os tapetes persas acabaram vendidos para ajudar na importação de mais um exemplar. De início, o canil não tinha funcionários, mas acabei contratando reforço para não sucumbir ao esforço do trabalho braçal, ao qual não estava acostumada. Enquanto médica, minhas mãos não seguravam peso algum, para que não tremessem ao aplicar o laser na retina de um diabético. Depois elas passaram a carregar aqueles cãezinhos pesados de um lado para outro, e já não eram tão bem cuidadas quanto antes. E eu já nem me lembrava da rotina asséptica dos hospitais.



A família se mudou para a nova residência, num terreno grande, onde foi construída outra casa, contígua à nossa, só para os cães. Tudo na medida da necessidade deles, que cresciam em número e beleza, no acerto do trabalho genético, estruturado em muito estudo e investimento.

A casa dos pugs







Trabalho na casa dos pugs



Os dias passaram a ser preenchidos por uma interminável função de limpeza, cuidados, leitura especializada, inseminações artificiais, gestações e partos. O telefone não parava de tocar, os pedidos de filhotes começaram a vir de várias partes do mundo. Muitas vitórias e algumas derrotas na criação e nas pistas. Sempre muito trabalho, além do que um ser humano é capaz, e muita alegria vendo o progresso das ninhadas, o maior prazer de todo criador.

Aquilo era como um vício, tomando conta do pensamento, do tempo, do dinheiro, sem deixar espaço para mais nada, uma paixão e um desafio que me faziam rir, chorar e envelhecer.

Felizmente todos da família se envolveram, seduzidos pelos irresistíveis tiranos. Não sem contestar, com todo o direito, a minha quase obsessão.



## A Ninhada Top ou Puppy, a Supermãe

Aquele era o primeiro parto de Puppy e quando ela acordou da anestesia, não tinha a menor noção de quem seriam aqueles ratinhos que choramingavam ao seu lado. Nem olhava para eles. Ela foi a pior mãe que uma pug pode ser: ignorava a ninhada, não os limpava, não se deitava para amamentá-los e não os aquecia. Puppy matou a mais forte das filhas, sentando-se sobre ela, sem perceber o que tinha feito. Chorei bastante. As outras foram morrendo, uma a uma, de frio, sem que eu soubesse que deveria manter os filhotes aquecidos todo o tempo, pois essa é a regra com os pugs.

Que a vida seja feita de surpresas, não temos dúvidas. Que essa colocação seja tão banal que melhor seria não fazê-la, também não. Mas que só ela nos socorre na descrição dos fatos é a mais pura verdade. Perdoem o lugar comuníssimo, porém inevitável. A expectativa era grande, diante de tanto planejamento. A ninhada estava para chegar, filhos de um casal de pugs importados. Tudo muito suado, muita negociação com os canis americanos.



O macho, um dos top ten pugs dos Estados Unidos, naquele ano de mil novecentos e noventa e sete. Aos dois anos de idade, o supercampeão tinha me custado os olhos da cara. Inesquecível a sua chegada, quando o vi ao vivo e a cores pela primeira vez. Antes, só por fotos ou vídeo, aquele ao qual assisti uma centena de vezes, antes e depois de me decidir pela loucura de comprá-lo. Imponente, parecia um lorde inglês, desses que já não mais se veem, em tempos de século vinte e um. Costumo dizer que ele tinha uma postura de dignidade. Andava leve, flutuando, o que era impensável para um corpo tão forte. Por motivos óbvios, ganhou o nome de Bonitão.



Também desembolsei muitos dólares por Puppy, a fêmea de genética invejável. Pequena, compacta, ossatura impressionante. Filha do pug número um do país americano. Fui pessoalmente conversar com a criadora em Nova York. Era preciso convencê-la de que seria viável vender um filhote para uma desconhecida, nascida e residente em nosso Brasil tupiniquim. Mostrei as fotos de nossas duas únicas ninhadas. Lolita e Vivi a postos, com bebês muito bem cuidados. Consegui! Mas tive que esperar alguns meses para receber a doce cadelinha Puppy, pois ela deveria antes fechar o campeonato americano.

De posse do supercasal, tudo estava milimetricamente calculado para a elaboração de nossa linha de sangue. Tola, eu! Pois nada seguiria o caminho óbvio que eu traçara para os meus planos.



Puppy e Eduardo

Naquela noite fria de junho, estava prestes a nascer a ninhada top, da cruza de Puppy e Bonitão. Ansiedade crescente. Contrações uterinas sucessivas, já em curtos intervalos, e nada de filhotes! Puppy nunca teria um parto normal em toda a sua vida. A sua prole nasceria sempre de cesariana. E assim foi. Na clínica veterinária eu assistia à cirurgia, só não tragando um cigarro após o outro, pelo simples fato de nunca ter fumado. A intervenção foi um sucesso! Voltamos para casa triunfantes, com a ninhada de seis fêmeas lindas e fortes. Mas, na medida em que vamos tentando planejar as coisas, nos deparamos com os mais inesperados imprevistos, para o bem ou para o mal, se é que alguma vez soubemos o que seja o nosso bem ou o nosso mal.

Àquela época eu era a criadora iniciante, com pouquíssima experiência na arte de criar uma raça tão cheia de peculiaridades. Não supunha até onde poderia chegar a falta de compromisso de uma pug com seus filhotes. Disso eu pouco sabia, pois Lolita e Vivi eram mães atentas, uma raridade em se tratando dessas reprodutoras displicentes. Eu também desconhecia que, fora da hora das mamadas, os filhotes deveriam ficar afastados da mãe descuidada. Que também precisariam estar devidamente aquecidos com bolsa de água quente ou placa térmica. As ninhadas de Lolita e Vivi tinham nascido em pleno verão, dispensando essa providência.

Os dias que se seguiram foram penosos e as noites insones. Eu seguia me lamentando pelas mortes sucessivas, colocando as que restavam para mamar, limpando aquelas bundinhas mínimas e assadas, função que caberia à mãe, não fosse ela uma pug das mais típicas.

Enquanto médica, jamais me imaginaria cumprindo semelhante tarefa. Mas, naquele momento, isso não passava nem de longe pela minha cabeça. Era como se eu nunca tivesse pertencido ao mundo dos impecáveis jalecos brancos. Ou nunca tivesse manejado aquela aparelhagem sofisticada e cara que fazia parte do meu dia-a-dia, em tempos nem tão remotos.



Puppy e dois filhotes restantes





Betty Boop aos 45 dias

À única sobrevivente foi dado o nome de Betty Boop. Puppy tinha grande quantidade de leite que a pequena Betty não dava conta de sugar, e o líquido infeccionou dentro daquelas tetas enormes e quentes. A pequena pug foi criada no leite de vaca misturado à gema de ovo, pois eu desconhecia que o leite de cabra seria o substituto adequado. Era um filhote feio, franzino e olhudo. Desconfiada, custou a abanar o rabo de rosquinha. A mãe nunca se importou com ela, nem com nenhum dos filhotes das quatro ninhadas que teve ao longo da vida.



Mas, como nada é totalmente bom nem mau, Betty foi se transformando aos poucos no cisne que se escondia dentro dela. Não negou a excelência de sua linhagem, tomando-se uma fêmea linda e forte.

Assim como lindos e fortes foram todos os outros filhos que Puppy e Bonitão nos presentearam durante as suas vidas.



Betty aos 2 meses



Betty aos 4 meses



Best in Show Betty Boop aos 6 meses com Marcelo Coelli



Talvez por ter sido tão mimada, Betty foi detentora de um record: o de pior humor que conheci num pug. Brigava muito com os outros, mesmo sendo tão amável com os humanos da sua casa. Vitoriosa nas pistas, com apenas seis meses de idade, ganhou o prêmio de quinto melhor cão de uma exposição, entre filhotes e adultos.

Apesar do seu péssimo hábito de rosnar para quem não devia, por considerar uma afronta que um desconhecido olhasse fixamente nos seus olhos, mesmo se tratando de um juiz de cães na pista em que ela se apresentava.



Assim como Puppy, Betty Boop e suas irmãs também nos deram filhotes maravilhosos, que formaram a base de nosso plantel.

Fomos aprendendo a criá-los junto com elas, acostumando-nos à realidade do fato de que um pug já é suficientemente bom, sendo o cão amoroso que é. Pois para isso foram feitos.



Filhas de Puppy (Helô & Betty Boop)



Filhas de Puppy ( Madonna, Vicky, Helô & Flávia )



## Aquelas muitas tarefas

Tinha que acontecer no frescor da manhã, enquanto os passarinhos saudavam o dia. Ou então no cair da tarde, na quase despedida do sol. Seleccionava o filhote dentre os irmãos, todos apoiados nas patinhas de trás. Cada um parecia dizer: primeiro eu, primeiro eu! Depois esperava que ele festejasse a vida comigo, gastando a alegria acumulada. Muito comum a comemoração render uma língua de fora, virada para cima qual uma vírgula, respiração ofegante. Aí ele tinha que voltar para a companhia dos irmãos, até se acalmar. Às vezes, só no dia seguinte.

Filhote pronto, eu me posicionava no local exato para eternizar aquela beleza, aquele frescor. Mas, na medida em que eu aproximava a câmara, lá vinha ele, correndo em minha direção. Feliz! De novo e de novo, até que a pose correta acontecesse. Naquela fração de segundo em que os anjos dizem amém. Lá no céu.



**Black Jack filhote**

Nos primeiros anos do canil, ainda amargávamos a era pré-digital. Depois de reveladas, essas fotos eram escolhidas e enviadas pelo correio. O pretendente as aguardava, ansioso, às vezes do outro lado do mundo. O vídeo também era usado, e as imagens dos filhotes seguiam naquelas fitas VHS pré-históricas.

Todos os contatos eram feitos por telefone. Clientes e criadores amigos ligavam diariamente para trocar experiências, para saber das novidades de uma ninhada, ou comentar os resultados de alguma exposição, em ligações prazerosas, porém longas.

Era preciso tirar o fone do gancho para fazermos nossas refeições sem interrupção.

- Alô, é do canil Nabuco? Quero comprar um pug.

- Deseja um filhote para companhia, para criar ou para participar de exposição de cães?

- Para expor, e gostaria de um animal perfeito, de pista!

- Senhor, não existem cães perfeitos, só procuramos aproximá-los do padrão da raça.

Ele insistindo: - Mas eu preciso da garantia de que vou comprar um futuro campeão.

- Podemos lhe oferecer um filhote promissor. Trata-se de um ser vivo. Genética não é matemática.



Outra ligação, quinze minutos depois: - É daí que vende púgue? (a pronúncia correta é pãg).  
Resposta: - Nós criamos pugs e os vendemos ocasionalmente. O canil não faz comércio de cães.

Meia hora depois: - Vocês têm algum para doação?  
- Sentimos muito, mas não doamos filhotes nem adultos.

Ou então: - Quantos nascem em cada ninhada, dá lucro criar a raça?  
Resposta seca: - Não, e se essa é a sua finalidade, não terá filhotes de nosso canil.

Com alguma frequência: - Dá muito trabalho ter esse cachorro em apartamento?  
- Que tal um de pelúcia? Esse não vai lhe dar trabalho algum.

Algumas vezes: - Eu detesto cães, mas meu filho quer um pug.  
Resposta categórica: - Não podemos vender filhotes para a senhora.

Outras vezes contestavam: - O preço está muito alto no seu canil.  
Resposta: - Senhor, pelo investimento feito em genética, pela garantia que damos aos clientes, pelo manejo rigoroso e pelas noites mal dormidas, está baratíssimo!

- Mas eu compro um pug por muito menos, num pet shop.  
Resposta final: - Esse está caríssimo!

Nova ligação: - Eu quero encomendar um filhote de um casal específico.

-Perfeitamente. Vamos examinar se o cruzamento é compatível do ponto de vista genético, e entraremos em contato.

Uma pergunta frequente: - Sou alérgico, eles soltam muito pelo?

- Eles soltam pelo o ano todo. E piora bastante no verão.

- Dá muita cesariana?

- Com alguma frequência.

Ou então: - Eu trabalho fora, o cachorro vai ficar sozinho o dia inteiro.

- O senhor não poderá ter um pug, é uma raça que precisa muito da companhia humana, faria melhor se comprasse um gato.

Era assim naquele tempo. Impossível ligar um computador e ter o mundo em nossa tela. A internet só aconteceu tempos depois, e costumamos a acreditar em tamanha facilidade de comunicação.

Quanto à escolha do futuro proprietário, havia os que esperavam por um ano ou mais para ter o seu Nabuco, e havia os que nunca teriam um pug nosso. Todo e qualquer candidato respondia a um questionário rigoroso, e aqueles que tinham passado pela triagem telefonavam sempre, querendo notícias.

Um contrato era providenciado, onde nos comprometíamos a recomprar o filhote em caso de desistência, independente do motivo, e o canil teria a preferência de recompra, em qualquer época da vida do cão. Queríamos minimizar os riscos daquele filhote ir parar em mãos erradas, o que nem sempre conseguíamos evitar.



Às vezes orientávamos pais bem intencionados, como os que tinham filhos muito pequenos, e desejavam um pug para brincar com eles. Nós os aconselhávamos a aguardarem até que as crianças crescessem um pouco mais, pelo menos até compreenderem que os filhotes são pesados e, quando caem do colo, costumam fraturar algum osso. Um cão não é um brinquedo, mas um aprendizado para lidar com seres vivos.

O pretendente escolhido deveria ter um perfil muito especial. Dávamos preferência àquela pessoa já completamente dependente de um pug para se sentir feliz e completa. Aquele que soubesse exatamente dos trabalhos e da delícia de se conviver com um deles. Alguém já seduzido e submetido ao seu doce domínio.

Selecionado o candidato mais provável como alguém que iria amar e respeitar o cão, vinha a questão da entrega do filhote. Era um alívio quando ele saía da nossa casa nas mãos do novo dono, mas geralmente era preciso enviá-lo por avião. O trajeto não poderia ser muito longo. Procurávamos, dentre as companhias aéreas, a que se apresentasse mais apta a realizar o transporte, pois um pug deverá ser resguardado, para não sofrer temperaturas altas. A falta do focinho diminui a capacidade de refrescar o sangue, facilmente aquecido pela densa camada de pelos. Um problema duplo, em se tratando de um país tropical. Os filhotes nunca eram despachados durante o verão, e só seguiam viagem nos horários mais frescos.

Conseguíamos proteger nossos filhotes com essas medidas, e felizmente nunca os perdemos durante um voo. Eu era inflexível, por me sentir responsável por aquela vida, cujo bem estar dependia em grande parte de minhas decisões. Viajávamos até o Rio de Janeiro, a cento e oitenta quilômetros da nossa casa, para embarcar o pequeno pug, e era com um aperto no peito que eu o fazia. Era difícil vê-lo partir, depois de ter sido a parteira e a mãe adotiva, cuidando dele dia e noite, acompanhando seu crescimento até que desabrochasse naquele exemplar deslumbrante. Noite alta, já de volta à nossa casa, eu não conseguia pegar no sono, enquanto o cliente não acusava a chegada do filhote são e salvo.

Havia também o inusitado, no meio da noite. Acontecia lá pelas quatro da manhã, o telefone tocando na mesa de cabeceira. Eu custando a entender se ainda habitava a terra dos sonhos, ou se já estava acordada para o mundo da matéria. Esticava o braço descontrolado, derrubando o fone ao tentar tirá-lo do gancho, na escuridão. Voz embargada de sono:

-Alô?

- Hello, Nabuco kennel?

Muitos estrangeiros se esqueciam do fuso horário, nos dando sustos frequentes. Esses, se desejassem um pequeno Nabuco, deveriam vir buscar o filhote, pois não o enviaríamos na carga do avião para um trajeto tão longo. E era com alegria que recebíamos os clientes, vindos de vários países do mundo. Hospedados em nossa casa, queriam conhecer todos os cães e um pouco do Brasil. De volta, levavam o pequeno pug nos braços dentro da cabine do avião. Os que não pudessem vir deveriam custear a viagem de alguém que levasse o filhote até eles. Nossa filha foi a Rússia e a Polônia, entregando dois lindos exemplares.





Leticia, Nina & Blacktie na Rússia



Leticia & Black-Tie na Rússia

Mas, de todos os pedidos, esse se tornou o mais inusitado: -

Tenho depressão e preciso de um pug do seu canil, para que eu possa me curar.

- Perfeitamente, deseja um macho ou uma fêmea?

- Tanto faz, porém não posso pagar por ele, pois gastei muito dinheiro com remédios.

Resposta em puro espanto: - Esse é um cachorro caro, porque a senhora não compra um filhote de outra raça, ou mesmo adota um cão abandonado?

- Não, preciso mesmo é de um pug.

Nós, ainda tentando: - Podemos procurar um filhote para doação com algum criador conhecido.

- Não serve, tem que ser um Nabuco: que tal se eu pagar por ele daqui a um tempo? Pretendo fazer vestibular para a faculdade de Direito. Assim que me formar e passar por dois anos de estágio, quero fazer um concurso público. Com o primeiro salário que receber, eu juro que pagarei pelo pug.

- Boa noite, senhora, melhoras da sua depressão!



## Best in Show

Função que começava cedo, no clarear do dia. Carregar caixa de transporte, mesa, cercado para conter o cão, edredom, esteira para forrar o piso, água filtrada, ração, guias, produtos de beleza, secador e escovas, até o carro ficar abarrotado.

Dar um banho muito cuidadoso no pug, o pelo secado com soprador até ficar parecendo bicho de pelúcia.

Tinha a estrada comprida, até chegarmos ao local do “crime”. Ar condicionado ligado, imprescindível.

Hotel reservado com antecedência, só íamos onde nossos pugs fossem aceitos dentro do quarto conosco. Nada de deixá-los dormir no galpão. Chegada no local de exposição: centenas de cães se acomodavam nos acampamentos, pessoas falando ao mesmo tempo e andando apressadas de um lado para o outro. Dávamos graças a Deus quando não acontecia num estacionamento de shopping.

Tínhamos que achar um lugar ao sol, melhor dizendo à sombra, para arrumar o nosso “território”. Esticar a esteira. Armar o cercado. Tirar o pug da caixa, oferecer água e levá-lo para passear um pouco.

Nosso cão, previamente treinado, seria apresentado por um handler, profissional das pistas, que o iria conduzir com maestria. As tentativas que fiz para apresentá-los foram desastrosas, com resultados muito aquém das possibilidades. Desisti.

A seguir, olhar o programa para se inteirar quando os pugs entrariam em pista, e rezar para que o horário previsto não fosse ao calor do meio dia. Isso dificultava muito as coisas para cães de pelo denso e focinho curto. Verificar quais eram os concorrentes e avaliar as chances do nosso frente a eles.

Rever os amigos.

Quanto aos pugs, alguns gostavam do jogo só para curtirem bem de perto seus humanos. Mas havia os que adoravam tudo aquilo, como Lolita, Truck, Bill e Dona Flor. Durante os preparativos, Truck ficava o mais perto possível do carro, para não correr o risco de ser esquecido. Viajava de barriga para cima, relaxado, na caixa de transporte.



Dona Flor





Hora “H”. Pug na mão do handler, na pré-pista, pronto para entrar. Esperava sobre uma mesinha, como um troféu exposto, tendo uma pequena toalha úmida sobre as costas, para evitar o superaquecimento que o faria arfar de língua de fora. Ele deveria estar o mais próximo possível do padrão da raça: corpo quadrado e forte, ossatura impressionante, pelagem densa e macia, sem falhas, impecável. O formato redondo da cabeça, o posicionamento correto das orelhas e da cauda, a angulação das patas, o dorso reto e sem rugas, detalhes inimagináveis. E, sobretudo, uma postura de rei, dono e senhor daquele mundo caótico à sua volta.

Meu coração batendo forte. Lá ia o nosso pug, caminhando na pista, conduzido pelo handler. Tranquilo, andar correto, leve, macio, fazendo o roll, aquele rebolado típico da raça. Atento, obediente aos comandos. Era incrível como o profissional conseguia tudo daqueles malandros que não nos obedeciam!

Pronto! Venceu os concorrentes da mesma classe, isto é, de mesmo sexo e idade. Saiu de pista, enquanto as outras classes de pugs eram julgadas. Eu me mantinha distante para não atrapalhar tudo. Se ele me visse, poderia sentir a adrenalina que me tomava naquele momento.

De volta à pista. Concorrentes fortes. Ele, seguro de si, disputando com os outros, todos correndo em círculo. O juiz observava em completa atenção, comparando, avaliando, por fim levantando o braço e apontando na direção do nosso pug.

Melhor da raça! Minha respiração era ofegante, entremeada de alívio e comemoração.



De novo o cão no acampamento. Relaxando, tomando água, aguardando a próxima etapa, enquanto eu também me recuperava da emoção. Só mais tarde, ele voltaria para concorrer com outras raças, pertencentes ao mesmo grupo de cães de companhia. Novamente na pista, disputando o melhor do grupo. Em cena, olhos fixos na isca, o petisco que o handler traz à mão. Ciente de sua beleza, na majestade com que desfilava. Meu coração disparado. Cães de várias raças em pista, alguns de pelo abundante e longo, grande atrativo. Mas ele seguia inabalado, como se os outros não estivessem ali. De novo o juiz apontava para o pequeno pug, e eu saltava e gritava, naquela explosão de alegria. Melhor do grupo!

Mais tarde ele voltaria à pista, concorrendo com os vencedores de cada grupo. Eu estava cansada, mas firme.

Depois, a final. A finalíssima! Havia a torcida do pequeno pug. Lado a lado com cães enormes, lá ia ele de novo, tornado grande na sua importância. Nada existia à sua volta, olhar fixo, ajeitando-se na postura de stay, ou caminhando majestosamente, o pequeno profissional das pistas.

Já era noite, luzes sobre o ringue. Clima de apoteose. O juiz já havia examinado cada um, mas, naquele momento o seu olhar se fixava em alguns cães somente. Todos belos. A grande roda começava a se movimentar, lindo espetáculo! Braço de juiz levantado até apontar para nosso tão amado pug e gritar: Best in Show!

Final de festa. Alguns se retiravam desapontados, outros aborrecidos. Havia aqueles conformados e também os muito felizes. Esses devidamente parabenizados. Comemorações, fotos com os juízes, agradecimentos, troféus. E eu, não cabendo em mim de contente.



Truck & Marcelo Coelli - Exposição ABC BIS



Para os trajetos mais longos, preferíamos partir só no dia seguinte. Nos mais próximos, a viagem de volta era feita no frescor da noite, já que os pugs não suportam o calor. Todos dormindo, exaustos, com exceção do motorista de sempre, meu marido. Certa vez fomos parados pela polícia rodoviária, com quatro pugs em suas respectivas caixas de transporte, numa caminhonete fechada. Junto a eles, na parte de trás, o handler e dono do carro dormia a sono solto, deitado sobre um colchonete, o que não é absolutamente permitido. O policial pediu os documentos, iluminou o interior do carro com a luz da lanterna, olhou para o meu marido, olhou a placa da frente e a de trás, e voltou a examinar os documentos. Depois disse que, fosse há um tempo, ele não deixaria passar, mas que hoje em dia ele já estava cansado, podíamos seguir viagem. Assim que o carro deu a partida, ganhando de novo a reta da estrada, nosso handler perguntou o que tinha acontecido. Informado, ele se espantou, dizendo que os documentos da caminhonete estavam no bolso dele. Meu marido havia mostrado os documentos de outro carro, o nosso, que esperava estacionado na garagem de nossa casa.

Assim foi durante quatro anos. Sem faltar um fim de semana sequer, com exceção dos feriados de final de ano e carnaval. Tivemos algumas derrotas e muitas vitórias nas pistas. Essas nos colocaram como os melhores criadores da raça durante esse tempo.

Melhor grupo de criação I (detalhe do troféu )



Melhor grupo de criação com pugs



Inesquecível quando levamos cinco pugs para disputar o prêmio de “Melhor Grupo de Criação Nacional”, o mais cobiçado pelo criador. O quinteto dos pequenos pugs, de grande beleza e semelhança entre si, era extremamente harmônico, evidenciando o trabalho da seleção genética. Muita emoção ao ganharmos o prêmio por dois anos consecutivos.





Melhor grupo de criação I



Melhor grupo de criação II





Em uma das poucas vezes em que fui handler, apresentando a parilha Truck e Betty Boop

Também inesquecível uma exposição especializada em que Bonitão e Puppy receberam a homenagem de vários criadores brasileiros. Muito nos tocou o agradecimento ao casal de pugs por sua contribuição ao melhoramento da raça em nosso país. Ambos desfilaram felizes, sob os aplausos calorosos do público, como que compreendendo o carinho e a gratidão de todos.

Havia, porém, uma parte que não obedecia a nenhum critério justo. Afinal o ser humano é o mesmo em suas grandezas e misérias, onde quer que se encontre. Havia os concorrentes que ganhavam por merecimento e perdiam com elegância, e havia os que faziam de tudo para vencer, independente da qualidade de seus cães. Havia os juízes que apreciavam o belo animal e o premiavam com brilho nos olhos, mas havia também os que usavam de sua posição para trocas políticas com os expositores ou handlers, com os quais absolutamente não compartilhávamos. Fizemos verdadeiros amigos e alguns desafetos, que aumentavam em número à medida que nossos pugs venciam.









Alguns troféus

Tudo, absolutamente tudo, passa. A vontade de estar nas pistas foi arrefecendo. Hoje consigo ver o jogo do ego quando comemorava uma vitória. Aquela adrenalina que fazia o coração acelerar na hora da disputa era como uma embriaguez, um vício. Mas o prazer do sucesso era proporcional à decepção pela derrota, pois a moeda não tem uma só face.

No dia a dia do canil, as ninhadas continuavam no trabalho exaustivo, as fêmeas sempre distraídas dos seus instintos maternos. Os filhotes dessas ninhadas, comprados por expositores e criadores de pugs, já se apresentavam nas exposições, e venciam, levando o nome da linhagem Nabuco em seus pedigrees. Com o canil já renomado no Brasil e no mundo, decidimos nos retirar das pistas, pois competíamos com nossos clientes, e isso não era necessário nem inteligente. Sempre considerei o trabalho de criador mais desafiador e gratificante que o de expositor. Mas continuamos indiretamente competindo, ao acompanhar a alegria dos proprietários de pugs, quando nos telefonavam nas noites de domingo:

”- Mais um Nabuco Best in Show!”



*A dream that really came true...*

Fotografia: Arthur Freixo | by www.br-project.com

# Lili

N a b u c o ' s   A n a   L i v i a

*Em 2009 Lili se despede das pistas em grande estilo:*

**#1 PUG DO BRASIL 2009** DOG SHOW   **#2 PUG DO BRASIL 2009** CBKC  
R a n k i n g s   P e t   S t a l e   1 3 / 0 3 / 2 0 0 9

## Multi BIS | 100 BOB Winner

JrCh. UrJrCh. Ch. GrCh. Int'Ch. PanCh. GrPanCh.

Grande Vencedora Nacional & Grande Vencedora Nacional Jovem

Multi BJIS | Multi BIS Placer | Multi Group Winner

**#2 MELHOR PUG DO BRASIL 2007** rankings CBKC / Dog Show   **#1 PUG DO BRASIL 2007** em número de BIS 2007

Agent | Handler Tony Noronha  
tunghats@tunghats.com.br  
Ph.: 55 21 9985 4265 Nextel: 55\*131\*4612



Proprietários:  
João Ricardo Troncoso & Sônia Peixoto  
jmtroncoso@uol.com.br soniamfp@terra.com.br



# Canil Nabuco

Anunciamos orgulhosos a segunda campeã americana de nosso canil aos 7 meses de idade!

*We are proud to announce our second American Champion at 7 months old!*



## Nabuco's Memphis Belle



Em menos de 2 meses Belle fechou o campeonato americano vencendo sobre specials!

*In less than 2 months Belle finished winning over specials.*

Nabucopugs  
Breeders : Angela & Eduardo Nabuco  
[www.nabucopugs.com](http://www.nabucopugs.com)

**ROYAL CANIN**

Prop (Owner):



## Preferida

Naturalmente ela considerava bons os restaurantes que aceitavam cães em suas instalações, mas isso não bastava. Era preciso que a aceitassem sentada numa cadeirinha para crianças, onde ela se acomodava educadamente. Uma lady. Jamais um comportamento indesejável, uma gula desenfreada que pudesse sujar a sua imagem de namoradinha do canil. Esperava pacientemente que lhe oferecessem pequenos pedaços de frango ou peixe, seus pratos prediletos. Como sobremesa, alguma fruta pedida especialmente para ela. Para culminar, recebia os elogios de quantos humanos passassem pela nossa mesa, coisa muito valorizada por um pug.

O nome era Vivi, mas passei a chamá-la de Preferida. Os outros pugs reconheciam a afronta daquela eleição, e a provocavam muitas vezes, cobrando o privilégio. Ela se desviava, política, usufruindo de seu prestígio, pois não era afeita a brigas e jamais as provocava. Só se envolvia naquelas que se generalizavam em rixas, o que era realmente impossível de resistir.



Preferida no restaurante

Vivi foi um dos pugs fiéis que tivemos, pois eles nem sempre elegeem um dono só. Mesmo não admitindo a solidão, pois a presença de um humano é imprescindível, qualquer pessoa da casa pode ocupar esse lugar.

Mas Vivi era minha, ou melhor, eu era dela. Era uma sombra, sempre me seguindo, o que só se modificava quando abríamos a porta de nossa casa para receber um novo pug. Quando eu, numa traição declarada, o enchia de mimos e atenções. De maneira acintosa, ela se vingava, passando a seguir o meu marido por toda a casa, e chegava a virar a cabeça para o lado oposto quando eu chamava por ela.



Mimando Bill



Mas o que mais a distinguia das outras fêmeas, era a sua qualidade raríssima de mãe aplicada. Um luxo para um cansado criador de pugs, acostumado às noites de sono entrecortado, assumindo a parte que deveria caber às mães descuidadas. Preferida dispensava nossos cuidados para criar seus filhotes, e os mimava bastante. Eles ficavam gordos, se tornavam preguiçosos, demoravam mais a amadurecer. A cada chorinho, ela os atendia, lambendo e dando de mamar. Não precisavam lutar pela vida. Algumas vezes, na hora da partida deles para novos lares, era preciso retirá-los num momento de ausência da mãe exemplar, para não deixá-la tão desconsolada. Depois nós a cobríamos de agrados, tentando compensar a perda. Outras pugs, mesmo aquelas consideradas mães atentas, se cansavam e fugiam dos filhotes, tão logo os dentinhos comesçassem a nascer, causando dor no ato de mamar. Mas ela se mantinha amorosa até o final do compromisso materno. Quantas vezes, pobre Vivi, troquei os seus bebês já crescidinhos, por outros recém-nascidos de mães relapsas! Ela percebia a troca, mas adotava e amamentava os filhos alheios, contanto não fosse completamente privada do contato com os seus.



Vivi e filhotes de outras pugs

Betty Boop e Vivi ficaram prenhes na mesma época. Era a segunda cruza de Betty, aquele patinho feio transmudado em cisne, e que se tornara a mais linda fêmea do canil. Seus filhotes seriam também os primeiros de Bill em nossa casa, um lindo campeão americano recém-chegado, para o desespero de Vivi.

Conviveram bastante nessa época, as duas fêmeas. Dormiam juntas, enquanto a barriga e as tetas se avolumavam.

Chegou o tempo previsto para o parto de Betty, mas os filhotes retardavam. O prazo da gestação chegara ao fim, e ela foi levada à clínica para uma cesariana. Tenho vivas em mim a grande expectativa e igual preocupação. Ainda me lembro, antes de sair de casa, dos olhos redondos de Betty, implorando por uma porção do chocolate que eu comia para me sentir mais calma. Porção negada, é claro!



Betty Boop prenhe



Costumo dizer que a cesariana de Betty foi uma quase festa, que cedeu lugar ao inesperado: a nossa musa morreu na mesa de cirurgia, sob os meus olhos atônitos, enquanto eu assistia à intervenção. Definitivamente eu não acreditava naquela peça que a vida me aprontara. Pugs reagem mal à anestesia, que implica sempre em um risco considerável para eles.

Pouco tempo depois, saíamos da clínica, inconsoláveis. O trajeto de sempre me pareceu especialmente longo. Muitas lembranças desfilavam pela minha memória, revendo a história peculiar de Betty Boop, filha primeira de Puppy e Bonitão, sobrevivente heróica da inexperiência minha e de sua mãe. Recordava o quanto ela nos surpreendeu ao se transformar de filhote feioso em tão lindo exemplar da raça. Da sua personalidade forte e da beleza dos filhos de sua primeira ninhada.

Eu olhava para a caixa aquecida sobre o meu colo, onde se juntavam os recém-nascidos, preciosa herança de nossa Betty. Choravam eles, precisados de colostro e de calor maternos. Chorava eu, lamentando a perda de pug tão amada e tão especial para nós.

Em casa, Vivi dormia tranquila, descansando a barriga dilatada, onde seus filhotes se mexiam, fazendo saliências arredondadas sob a pele. Faltavam quinze dias para ela dar à luz. Entreguei os filhos de Betty à bondade de Preferida, três órfãos choramíngas e famintos. Mesmo grávida, ela passou a amamentá-los como se fossem seus, para meu alívio.



Vivi prenhe e filhotes de Betty Boop



Cresceriam em saúde, fazendo jus aos cuidados da mãe adotiva. Seriam belos, obedecendo à genética excepcional de Bill e Betty Boop. Dentre eles estava Víctor, o pug mais bonito nascido em nosso canil.

Graças a Vivi, aquela linhagem se continuaria por gerações, perpetuada mais tarde nos excepcionais filhos de Víctor Hugo.



Vivi e filhotes de Betty Boop









Os filhotes de Preferida nasceram mortos, uma semana depois. Aqueles dias se arrastaram lentos e custosos, enquanto eu trazia os olhos inchados e a boca muda. Os trabalhos do canil me ocupavam, enquanto eu ia me recuperando aos poucos, entre lágrimas de gratidão e de saudade.

## Como no Velho Oeste

Está começando, vamos prestar atenção. Segura um que eu seguro o outro. Ao mesmo tempo. Agora, já! Sustentados pelas nossas mãos, dois pugs irados, suspensos no ar, querendo a qualquer custo se engalfinharem um com o outro.

Esse é o processo: de início, eles se olham fixamente. Depois, se movimentam em círculos, bem devagar, na ponta dos pés. Pelos eriçados nas costas, estudando um ao outro, em silêncio, sem perder o oponente de vista. Outros vão chegando, querendo saber quem está em desvantagem, e se posicionam de modo a cercar a dupla. Até que um deles coloca as patas sobre o dorso do outro. A partir daí é irreversível, a briga degenera em rixa, e a situação foge completamente ao controle, como nos saloons de filmes de faroeste. É quando todos explodem, formando aquela massa única, rosnando e distribuindo dentadas indistintamente, sem se importar com o destino delas. O importante é brigar.

Eles se desentendem por ciúme ou até por diletantismo. Quem os tiver em companhia de outros cães, que tome a precaução necessária. E que ninguém se engane ao ver a doçura deles com os humanos, pois costumam ser ditatoriais com os companheiros. Ao conviver com raças mais dóceis, se tornam líderes, muitas vezes impedindo a entrada de gigantes gentis dentro da casa onde governam em regime despótico. Não medem tamanho na valentia com que desafiam cães maiores, expondo-se a riscos que desconhecem.

Quando estão em maior número, o comportamento é sempre o de matilha. Geralmente se juntam em grupos, formando gangues e atacando um cão escolhido, a quem chamamos de bola da vez. Este deverá ficar separado do grupo, para evitar que o bullying seja fatal.





Lolita

A questão da liderança é sempre instável e delicada. Todo o equilíbrio do grupo depende do chefe, ao qual todos obedecem, numa hierarquia definida. A chefia é sempre ameaçada por outro cão mais novo, que tenta assumir o posto de comando daquele que envelhece. Isso vale tanto para os machos quanto para as fêmeas.

Lolita, como primeira pug do canil, era impressionante no cargo de ditadora, confirmando a tese de que antiguidade é posto. Todos lhe prestavam obediência, sem titubear. A começar pelo grande Buck, nosso dog alemão, passando por Seville, a whippet de minha mãe, e se estendendo a tantos pugs quantos chegassem depois dela. Os filhotes de Lolita deveriam esperar que ela acabasse de comer para iniciar a refeição, se não quisessem ser severamente repreendidos. Brincadeiras entre os pugs, nem pensar! Súditos não devem estabelecer relações de intimidade entre si, pois acabam se fortalecendo com o apoio mútuo. Era necessário eliminar o risco de um motim, e, para isso, ela punha fim à alegria, dispersando os potenciais subversivos.





Isso até nascer Bonnie, que não abanava o rabinho à toa. Desde filhote ela mostrou a que veio. Filha da meiga Vivi, depois de adulta, Bonnie contrariou a genética e desafiou Lolita. À simples menção do nome da outra, cada uma adotava uma postura de prontidão. Se deixadas juntas, as líderes teriam lutado até a morte na disputa do cargo de fêmea alfa.



Certa vez minha mãe, já idosa, foi encontrada sentada no chão junto à porta do canil. Estava rindo. Nós nos assustamos, o que aconteceu? Ao lado dela, Lolita esbravejava na direção da porta fechada, enquanto outro pug latia, do lado de dentro. Era Bonnie. As duas fêmeas se encontraram acidentalmente, o que era sempre evitado, mas aconteceu. Acabaram emboladas uma na outra na briga inevitável. Minha mãe sozinha, com dificuldade, pegou Bonnie no colo e Lolita veio pendurada na bochecha da rival. Afinal se soltaram e Bonnie foi colocada do lado de dentro, e a porta fechada rapidamente. No processo, minha mãe se desequilibrou e caiu. Como ria muito, de nervoso, talvez, não conseguia se levantar.

Um chefe sempre tenta controlar o comportamento efusivo do subordinado. Quando o dono chega da rua, onde nunca deveria ter estado na concepção de um pug, ele é recebido com muita festa. Nesse momento de grande alegria, desenrola o rabo, que normalmente está enroscado sobre dorso, e começa a corrida do pug: a traseira se abaixa, e as patas dianteiras se projetam juntas para adiante, tracionando o corpo, o quadril encaixado para dentro e empurrado para frente. Ele comemora, correndo nessa postura em grandes círculos, numa cena de encantamento que atrai a atenção do dono e provoca risadas. Enciumado, o pug dominante detém a exibição. O outro pode se conformar com o limite, ou desafiar o opressor, começando a confusão.





Há também os que adoram se enfrentar através de grades, modalidade de esporte particularmente apreciado por alguns pugs. Mesmo tendo um portão aberto ao seu lado, brigam pelo simples prazer da contenda, à feição de um bate-boca de vizinhos deseducados.



Bibi era uma especialista nesse quesito. Embora fosse uma pug gentil, sempre maternal, cuidando dos outros com muitas lambidas, não resistia quando se deparava com os companheiros do outro lado da grade. Felizmente o latido é baixo e rouco, poupando-nos os ouvidos.



Bibi





Briga na grade





Piri pi pi

Alguns brigam por comida, e é de se espantar que convivam em harmonia quando recebem o agrado de todas as manhãs, reunidos em grupo. Adoram a banana picada e jogada no chão. Para reuni-los, usamos o mesmo som que se costuma fazer para alimentar as galinhas no quintal: piri pipi pipi. Todos correm, de onde estiverem, e se postam em estado de atenção, como nas pistas de exposição, em posição de stay, aguardando o petisco.





Jack saindo para passear

Como receita para diminuir as brigas, nada como um passeio matinal. Nossos pugs saem à rua bem cedo, enquanto o sol está ameno, inclusive alguns dos mais velhos. Na volta, todos cochilam pelos cantos, sobrando menos energia para os confrontos.



À medida que envelhecem, os pugs se tornam mais calmos e sábios. Convivem até com o adversário do passado, já não há mais o que disputar. Não almejam postos de comando, só desfrutam o bom da vida, em cada momento. De início relutantes, os chefes idosos acabam cedendo lugar para os mais novos, aqueles habilitados à conquista do posto por terem nascido líderes.

Mas sempre há uma exceção. Helô, quando jovem, não era de brigas. Agora se tornou ranzinza e feroz defensora de sua comida. Não admite a aproximação dos companheiros da vasilha de água, enquanto sacia a sede. Também não quer que outro pug a olhe fixamente, o que os cães interpretam como um desafio. Precisamos protegê-la para que não se meta em confusão, o que seria fatal para uma anciã.

Nossos pugs idosos gostam de caminhar devagar e esquentar sol pelo quintal, encostados uns nos outros, como um grupo de focas. Ou então adormecem a meus pés, embalados pelo cair da chuva, do lado de fora. Mas aqueles mais jovens sempre conseguem arranhar a calma do canil, interrompendo o cochilo dos veteranos com suas confusões. E os respeitáveis espectadores, nas horas acaloradas da disputa alheia, em deleite, ainda mostram, no brilho dos olhos, o quanto apreciam uma boa briga.





Madonna & Helô



## Garotas Douradas

Quarto das idosas. Uma pug de roupinha amarela porque fazia frio. Todas alimentadas e recolhidas para a sesta. De repente, um rosnado e um latido. Todos correram para ver, pugs não são de confiança, nem mesmo os velhos. Helô, a pug de roupinha, do alto dos seus quatorze anos muito bem vividos, mantinha Carmen subjugada, com as duas patas dianteiras sobre o dorso da outra, que poderia reagir a qualquer momento. Logo Carmen, a chefe impiedosa, recém-aposentada do cargo de fêmea alfa. Helô perdeu a noção do perigo, o que é extremamente perigoso.

“Vamos separar uma da outra!”

Agora só Helô e Talita juntas, sem Carmen. Helô passou por Talita, empurrando a companheira, sem se desviar ou pedir licença. Talita quase caiu. Depois ficou olhando para Helô, sem entender o que estava acontecendo.

Tiramos Talita do quarto. Helô sozinha, sentada no edredom estampado de flores grandes e brancas. Ela olhou para as flores e franziu o quase inexistente focinho. Rosnou e avançou no edredom!

“Helô deve estar com Alzheimer, é melhor ela dormir sozinha”.



Helô aos 14 anos



“Tieta, o que você está escondendo na sua boca? Onde pegou isso?”

Eu corria atrás da Tieta do Agreste, linda filha de Bill com Vicky, que somou a energia do pai com a da mãe, e a usava toda para escapar de mim. Passou por todos os lugares onde eu não conseguia passar, tendo que dar a volta e perdendo tempo na perseguição. Eu sabia que boa coisa não era, conhecendo bem a minha pug. Depois de muito correr, consegui pegar a fujona.

“Tieta, solta isso!”

Enquanto dava a ordem, eu mantinha a mão aberta em concha, embaixo da boca trancada de Tieta. Um pouco mais de insistência e ela cedeu, deixando cair na palma da minha mão, nada menos do que a cabeça de um rato!





Tieta em stay





“Prende a Flor!”

Era essa a recomendação dos pedreiros que trabalharam em nossa casa durante uma reforma. Mas não era só Flor que corria atrás deles, quando pulavam algumas das inúmeras cercas baixas que dividem o nosso terreno. Flor liderava o grupo, mas muitas fêmeas a seguiam, acompanhadas de um único macho, o Victor, expert nessa modalidade. Era permitido aos estranhos somente entrar na área cercada, mas nunca sair. Ao passarem a perna por cima da grade para deixar o local, os pugs abocanhavam a “presa” se ela não fosse bem rápida, mais rápida do que os saltos dos cães. Esses, bem mais altos do que imaginávamos eles fossem capazes de dar.



Flor vigiando na grade



Hora da cruz. Feita a contagem dos dias, a fêmea no cio já estava fértil. O macho, muito interessado. Ela também parecia estar. Eles se estudavam, cheirando um ao outro. O macho ficava todo empinado, parecia bem maior e mais bonito. Frente a frente, faziam o jogo de abaixar o corpo, esticando as patas dianteiras. Depois corriam, brincavam de pique, ela fugia, ele corria atrás. Lambidinhas, ela levantava o rabo, mostrando o interesse. Ele fazia a primeira investida, posicionando as patas dianteiras sobre o dorso dela.



Carol & Shadow



“Ela o mordeu, como assim?”

Ele recuava sem desistir. Não assim, tão fácil. Nova tentativa, ela mostrava os dentes para ele. Garota difícil! Com a persistência do rapaz, a fêmea acabava aceitando aquela posição humilhante. Submetia-se, poderia valer a pena. Ele abraçava a garota, segurando-a com as patas da frente, apesar da dificuldade que o corpo curto lhe impunha. Tentou a primeira vez, ela gritou e pulou fora. Pedidos dos humanos de “seja uma boa menina, vamos lá!”

Tudo de novo, aí ela já estava mais condescendente. Ele sempre tentando, mas era bem mais alto do que ela.

“Vamos ajudar”.

Mas na hora em que invadíamos a intimidade do casal, ele recuava.

À medida que o tempo passava, íamos ficando cansados. Eles também, língua de fora, virada para cima feito um anzol, respiração ofegante.

“Acabou o clima, melhor deixar para mais tarde. Amanhã, talvez.”

Diante dessa repetida agonia com quase todos os pugs do canil, partimos para a inseminação artificial.



Dois meses depois, o parto. Elas preferiam a escuridão da noite. Acho que esse é um dos únicos resquícios de instinto que conservam, o que dita um horário em que a maioria dos predadores está dormindo. Mas logo esse, que nos fazia ficar acordados durante toda a noite, cortando as bolsas e amarrando os cordões umbilicais, se não quiséssemos perder toda a ninhada, porque, nessa hora, as pugs nunca tomam providência alguma. Ficam olhando os bebês, no máximo se voltam para cheirar a cria.

Eram noites tensas, de cansaço e emoção, comemorando o nascimento de cada filhote saudável, cuidando para que estivessem aquecidos, colocando-os para mamar, tentando reanimar os que custavam a respirar e lamentando os que não sobreviviam. Vigiando, para ver se a cesariana não seria necessária, apreensivos com a respiração ofegante, o que sempre representa uma sobrecarga para as pugs, pelo focinho curto.





Algumas não escondiam o sacrifício ao amamentarem seus filhotes, e raras se apegavam a eles.





Muitas aceitavam a colaboração das outras, cuidando juntas dos filhos.

Deixamos de cruzar algumas fêmeas, as mais jovens do canil, cansados do trabalho penoso com as ninhadas. Assim castramos África, Bagueera, Graúna, Tutti Frutti e Hadija.

Das que foram mães, poucas se mostraram exemplares como Flor que, mesmo pequenina, pariu e cuidou de seis filhotes.



Flávia, tão distraída, por pouco não amassou um dos seus, como fez Puppy, sua mãe.

Esta seguiu desatenta nas quatro ninhadas que teve.

Carmen e Lola se deitavam de bruços para dificultar a mamada.



Lola





Bete Balanço mantinha o ninho impecável e cuidava dos filhos como se não fosse uma pug, um luxo!





Gisele Bündchen mordia os filhotes assim que nasciam, era preciso atenção. Só algumas horas depois ela os reconhecia.



Carol, mãe cuidadosa, gostava de amamentar sentada. Sete filhotes, lindo de se ver!

Bíbi, muito amorosa e aseada, limpava as bundinhas dos bebês até ficarem assadas.

Madonna, Frida e Bonnie eram cuidadosas, mas não tão limpas.

Betty Boop lambia os filhos da sua primeira ninhada até ficarem completamente molhados e tremendo de frio.





Lili Shot Gun foi delicada e atenta com a prole.

Em Vicky e sua filha Tieta, não se podia confiar, eram tão infantis quanto os filhotes.

Lolita repreendia os filhos, caso tentassem comer a ração antes dela. Não deixaria nunca de honrar o cargo de fêmea alfa.

E Vivi, a grande mãe de todos, o meu sossego.



Lili Shot Gun



Helô foi das menos aplicadas. Fugia do ninho para se deitar no meu travesseiro. No seu primeiro parto, ela já estava cansada depois de tantas contrações, mas nada acontecia! Meu marido viajando a trabalho, éramos só nós duas naquela madrugada de maio. Por telefone, o veterinário recomendou que eu a levasse à clínica para a cirurgia, não era prudente esperar mais! Coloquei Helô no banco da frente do carro para não perdê-la de vista. Fazia frio, o inverno já se anunciava. Na metade do caminho o filhote apontou, encostei o carro na calçada, rua deserta. Num grito de Helô, ele pulou em minhas mãos. Era uma fêmea forte, saudável. Precisei colocá-la no meu peito, dentro da blusa, para mantê-la aquecida e assumi o volante novamente.

Assim nasceu Radical Chic, a única fêmea dessa ninhada. Especialmente bonita. Especialmente amada.









Depois de adulta, tinha o hábito de tomar conta da casa, qual um pug de guarda, olhando a rua por trás da moita de bambu. Todas as tardes. Quando passava um carro, ela o perseguia pelo lado de dentro da cerca, numa velocidade impressionante, seguida por outros pugs no cumprimento da tarefa. Depois todos se dispersavam, menos Radical, que permanecia atrás da moita, vigilante. Quando anoitecia, todos subiam para a casa dos pugs, atendendo ao nosso chamado, mas sempre faltava alguém. Era ela, que não abandonava o posto antes da noite chegar e se tornar completa e totalmente noite.





Inseminações, gestações e partos. Oportunidade preciosa para as garotas conviverem como nunca com seus humanos. E oportunidade de nós amarmos ainda mais as nossas pugs, agradecidos pelo lindo presente que nos deram, em forma de filhote.



## Os Homens Não Choram

- Socorro! O grito era baixinho. A voz, familiar. Eu estava no quintal e, apurando o ouvido, notei que vinha da janela do banheiro.
- O que está acontecendo?
- Estamos presas aqui dentro!

Do lado de fora, Bonitão avançava para a porta fechada, balançando o corpo no impulso de latir, na voz rouca dos pugs

Inacreditável! Peguei a "fera" no colo e abri a porta para a dupla desapontada, que foi saindo de fininho. Ele se sentia muitíssimo importante. Percebendo o temor de minha mãe e minha sogra, aproveitara-se da oportunidade para ter seus cinco minutos de cão de guarda.

Esse era o Bonitão. Imponente, tinha uma atitude de dignidade. Não brincava com outros pugs, a não ser com Puppy, sua eterna namorada. Fazia jus ao apelido, que lhe substituía o nome de pedigree, nobre, enorme, e encompridado ainda mais por todos os títulos conquistados. Andava saltitante, parecia debochar da gravidade. Impossível não reparar no dorso retilíneo, esculpido a régua por Deus-pai-todo-poderoso, em algum momento de bem com a vida.



Bonitão



Bonitão se vendia caro. Vê-lo caminhar em toda beleza, pelas pistas das exposições, dependia da sua disposição. Quando queria, levantava a cabeça poderosa, encantando o público e os juízes. Mas, em dias de mau humor, nada o convencia a fazer bonito.

Uma de suas primeiras exposições no Brasil aconteceu a novecentos quilômetros de distância de nossa casa. Três pistas, um juiz em cada uma delas. Na primeira, Bonitão desfilou com gosto, estava alegre, mostrando ao mundo a sua majestade. Fez jus ao Best in Show, compensando a longa viagem. Na segunda pista, não se apresentou bem, começando a mostrar, aos humanos, quem estava no comando. Na terceira, ele entrou mancando, e nós o retiramos, preocupados. Bastou sair da pista, e já caminhava normalmente, saltitando. Foi examinado por um veterinário local, que atestou uma saúde perfeita em nosso pug.

Mas Bonitão compensou o seu capricho. Fez uma linda campanha, ganhando outros Best in Shows e conquistando o título de Grande Vencedor Nacional, o mais importante que um cão pode receber em nosso país.





KENNEL CLUB DA GRANDE BH CBKC  
25.26. EXPO PANAMERICANAS  
5. EXPO INTERNACIONAL  
2 MELHOR DA EXPO  
07.10.98 Advance FOTO M.FLÁVIO

Bonitão & Marcelo Coelli



Bonitão no carrinho



Sua determinação e força, ele mostrou no final de seus quatorze anos, quando uma hérnia de disco paralisou a movimentação dos seus quatro membros. Muito idoso para ser submetido à cirurgia, restou a ele o carrinho feito sob medida, que o permitia manter-se de pé. Dalí, ainda imponente, comandava o mundo. Não permitia que outros pugs se aproximassem para marcarem um território que era seu. Morreu dormindo, depois de ter ensinado a todos como se enfrenta uma adversidade.



Sucesso absoluto nas pistas, o pug número um do nosso país! Estávamos no ano da virada do século, e o cão era Truck.

Sabedor de sua beleza e do seu prestígio, nosso campeão era um profissional. Muito sério nas exposições, onde todos queriam conhecê-lo. Mas, quando alguém se aproximava para lhe dirigir palavras de mimo, ele virava a cabeça para o lado. Mostrava que era importante demais para dar atenção a estranhos. Era como se concedesse às pessoas o privilégio de admirá-lo.

Foram inesquecíveis os passeios com ele. Muitas viagens, muita torcida e inúmeros Best in Shows.



Truck no sofá





Deixou muitos filhos, igualmente belos e fortes. Viveu como um rei poderoso, desafiando todos os machos do canil.

Nos últimos anos de vida, Truck se tornou pacífico. Reconciliado com seus adversários, eram vistos juntos, caminhando lado a lado, ou cochilando recostados uns nos outros, sem ressentimentos, enquanto o sol aquecia as manhãs frias de Juiz de Fora



Era bom de se ver: um macho adulto, deitado no chão de barriga para cima. Os filhotes sobre ele, fazendo a festa, treinando a luta pela dominância. Bill os ensinava. E só fugia deles quando o grupo perturbador era muito numeroso, os dentinhos finos lhe fazendo furos pequeninos pelas pernas.

Há um momento em que o criador precisa refrescar o sangue do canil. É quando os cruzamentos vão se tornando muito consanguíneos, aumentando o risco de doenças congênitas. Deverá então introduzir um macho de sangue inteiramente novo, e rezar para que a mistura tenha sucesso.

Novamente, era chegado o tempo de investir pesado no plantel. Foi assim que, outro campeão americano chegou à nossa casa: Bill, um verdadeiro gentleman, o pug mais feliz que conheci.

Costumo dizer que o canil teve duas fases, antes e depois desse pug encantador. Todas as fêmeas deveriam cruzar com ele, para que os filhotes fossem tão belos e saudáveis quanto o pai. Aqueles a quem ele pacientemente treinava com suas brincadeiras.



À época de sua chegada, já nos retirávamos das exposições, mas ainda houve tempo para que se tornasse um campeão também no Brasil.

Para ele, as pistas eram sempre uma festa e uma excelente oportunidade de celebrar a vida. Afinal, ser admirado pelos humanos é o grande talento de um pug, e o que ele nasceu para ser.



Bill





Ele assumiu a chefia do canil de forma natural, pois Bonitão e Truck já não eram tão jovens. Durante esse período, todo o grupo se beneficiou de sua liderança tranquila. Somente um cuidado se fazia necessário: ele pulava as cercas atrás das fêmeas no cio, o incorrigível Don Juan.



Bill aos 13 anos saindo para passear



Bill acabou de completar treze anos, saudável e cheio de energia. Ainda belo e forte, adorando os passeios matinais. De vez em quando ainda tenta alcançar os passarinhos, seu esporte predileto. Deu aulas de “caça” à sua filha Tutti, embora nenhum dos dois, até hoje, tenha logrado êxito. Mas se divertem bastante!



Sempre fomos muito gratos aos criadores de todos os pugs que fizeram a linha de sangue do canil. Mas, na medida em que apurávamos a genética, passamos a ter reprodutores nascidos em nossa casa. Victor Hugo foi o primeiro deles. E também o mais mimado, único macho da última ninhada de Betty Boop, a ninhada órfã adotada pela doce Preferida. Mesmo criado por ela, Victor não aprendeu a arte ser gentil, e ainda filhote, mostrou ter herdado da mãe o temperamento autoritário.

Àquela época, resgatamos um filhote de pug. O criador desejava sacrificá-lo por ter se tornado cego em função de úlceras de córnea não tratadas. Fomos buscar o pequeno Magoo, da mesma idade de Victor. Compadecidos com sua triste história, todos os humanos o enchiam de carinho e atenção. Victor, enciumado, maltratava o companheiro, que gritava apavorado, sem defesa. Sílvia, amorosa, levou Magoo para morar com ela, para que ele pudesse ter uma vida tranquila, livre das investidas do jovem tirano.







Victor sempre teve um comportamento peculiar, de liderança incisiva. Não admitia a presença de cães estranhos. À simples visão da foto de um deles, latia com veemência para afastar o “invasor”, não importando se a foto estivesse estampada na folha de um livro ou na camisa que alguém vestia.

Nossas idas às exposições já rareavam, mas, nas poucas vezes em que o levamos, Victor gostava de avançar em cães maiores, o que fazia de forma silenciosa e imprevisível.



Victor Hugo no alto do morro





Respeitador de Bill, seu pai, ele só assumiu a liderança depois que lhe foi concedida a vez na posse do trono. A partir de então, passou a comandar o grupo de forma severa. Padreador de excelência, não conheci um descendente dele que não carregasse sua estrutura e beleza.



Sempre se comportando como um “pug de guarda”, até hoje Victor só rende obediência a nós, os seus donos. Quando algum visitante entra em nossa casa, ele se deixa agradar, mas o mantém sob olhar atento. À saída, percebendo que o intruso vai fechar uma porta à sua frente, investe contra ele.

Hoje, com onze anos completos, Victor está mais calmo, embora não abra mão de vigiar os passos dos nossos funcionários. Sempre que nossa cozinheira, a quem ele considera suspeita, atravessa uma porta sem deixá-lo passar, ele faz questão de mostrar quem manda na casa. Mas nunca rejeita, quando ela lhe oferece os petiscos que tanto aprecia. Alexandra, a quem ele conhece desde pequeno, só exerce o direito de ir e vir durante o horário de expediente, vestida com o uniforme de trabalho. No final do dia, ao se retirar com a roupa de passeio, Victor late para ela, sua escrava humana.





Black Jack, o primeiro preto

Hora de recolher os cães para a sesta da tarde. O sol já ia a pino, e todos se encaminhavam espontaneamente para a casa dos pugs. Buscavam o conforto da temperatura amena e do travesseiro macio dentro das casinhas. Mas um box estava vazio, era o do Jack. “Cadê ele?”



Procuramos por toda parte. Onde se metera aquele maluquinho? Esgotadas as possibilidades de procura nos limites do nosso terreno, partimos para a rua, numa aflição enorme, na tentativa de encontrar o fujão. Depois de muita procura, lá estava ele, sentado na calçada de uma rua paralela à nossa, bastante assustado e cheirando a carniça. Fugira por um buraco na cerca, que ele localizara antes de nós. Depois do susto, trocamos o alambrado por outro mais seguro, à prova de fugas.

Jack foi o primeiro pug preto de sobrenome Nabuco. Era um desafio para nós criar uma genética de pretos, com estrutura corporal tão forte quanto a dos nossos pugs abricós. Para isso, levamos a bela fêmea Carmen Miranda à Califórnia, onde cruzou com um campeão americano muito bonito, pretinho como o carvão. Filho deste cruzamento, desde pequenino, Jack já correspondia às expectativas do multum in parvo, um cão forte e compacto.

Sempre adorou novidades, como aquela que ele exibia como um troféu, num dia de chuva. Identifiquei as perninhas verdes de uma perereca, o restante do corpo boca adentro do pug. Num reflexo gritei: “Jack!” e ele rapidamente engoliu a presa. Ligamos para o veterinário, preocupados com o resultado daquela refeição inesperada. Foi medicado, com a recomendação de ser vigiado de perto. Mas o que observamos foi uma melhora considerável no brilho do pelo, e na disposição para novas aventuras.



Black Jack aos 8 anos





Shadow



Um pretinho muito esperto, e muito lindo chamado Shadow. Ele chegou em nossa casa no meu colo, ainda bebê, na cabine do avião. Fui buscá-lo pessoalmente na Carolina do Norte.

Assim que cresceu, se colocou como um opositor ferrenho de Victor. Mas o chefe só passou o cetro, assim mesmo sob protestos, para Ziggy, um filho seu, ignorando as exigências de Shadow.



Belo como todos os filhos de Victor, Ziggy reúne o que há de mais relevante nos machos do nosso canil. Dorso tão curto e reto quanto o de Bill. O andar saltitante do Bonitão. A ossatura pesada como a de Truck.

Ele me olha doce, como fazia Vivi no passado, e procura estar sempre perto de mim. Nos passeios matinais, faz questão que eu segure a guia que o conduz.



Zig Zag









Ziggy segue liderando o grupo, e reina de forma bastante amável com seus súditos. Embora tenha que tolerar e resistir às investidas constantes de Shadow e de Jack, que nunca vão desistir da ideia de alcançar o poder. Aquilo que mais cobiçam em suas vidas, o cargo trabalhoso e pesado de macho alfa do canil.



## Brincando de Deus ou o Criador de Pugs

Olheiras escuras em volta dos olhos, pelas noites de sono magro. Com o passar do tempo, a paciência vai chegando ao fim, testada até os limites extremos. Lentamente ele começa a se parecer com um zumbi, andando pela casa meio encurvado, com uma expressão atônita. Já não raciocina bem. Quando dorme, sonha com filhotes mamando, vê as próprias mãos limpando aquele cocô amarelo e colocando os pequenos para mamar: “esse gosta mais dessa teta, aquele miudinho tem que ficar nessa outra que dá mais leite”. E por aí vai.

Os bebês são frágeis, e alguns não vingam. A sobrevivência dos filhotes é diretamente proporcional à experiência dele como criador. Com o tempo, reconhece as situações e toma as providências necessárias. Quase nunca os perde. É sabido que ele vai mantê-los aquecidos e separados da mãe, que nem sempre colabora. Para ela, o sacrifício da maternidade só vale a pena se ficar bem perto do seu dono tão amado! De duas em duas horas, dia ou noite, ele os coloca para mamar. Devem estar espertos e tranquilos, filhotes atendidos não choram. Vai trocar o forro do ninho com frequência, e ter bastante roupa para lavar. Se a mãe se recusar a lambe os filhos para que façam as necessidades fisiológicas, ele vai usar um chumaço de algodão para estimulá-los e vai mantê-los limpos, evitando as assaduras. E, quando estiver muito alucinado, vai entoar canções de ninar, balançando o corpo com um filhote no colo, sem se dar conta do que faz.







Passadas as primeiras e mais duras semanas, eles já devem estar de pé. De início, tombam para os lados, na tentativa de se equilibrar. Os muito pesados não se seguram nas pernas, e ele coloca um piso emborrachado no ninho para firmar as patas e facilitar a vida do filhote. Mas isso dificulta a vida dele, pobre criador, pois o piso vai se sujar, obrigando-o a fazer trocas frequentes. Mais uma coisa para lavar. Se o piso não resolve, então é preciso segurar as patinhas em posição paralela, passando um esparadrapo que aproxima os calcanhares, para que não escorreguem para fora. Sim, agora está de pé, o filhote alegre já pode caminhar e brincar com os irmãos.



Filhote de Flávia em pé



Começa a época do desmame. Alguns não aceitam a papinha, só querem o leite morno e gostoso da mãe. Ela, a cada dia com mais empenho, quer escapar do ninho. Está cansada, foge dos dentinhos pontiagudos que começam a nascer nas bocas ávidas, ferindo as tetas. Qual babá dedicada, ele vai pacientemente ensinando a turma a comer, oferecendo o alimento na boca de cada filhote com uma colher de café, até que tomem gosto pela coisa.



Fêmea de Flávia & Bill







Agora já estão crescidos. Ele olha encantado para os pequenos pugs: como estão lindos e saudáveis! Afinal, passou tanto tempo com eles nos últimos quarenta dias, que se considera a mãe da ninhada. Já não se incomoda se lhe dão tanto trabalho, se a cada minuto precisa limpar o piso, depois de recolher o cocô pisoteado. Também não se importa se der o vermífugo e eles se engasgarem, cuspidando tudo. É um prazer levá-los para tomar o sol da manhã todos os dias. Tudo bem em precisar manter tantas unhas aparadas, para que não machuquem os olhos dos irmãos. São tão belos, tão perfeitos!

Agora ele já observa a ninhada com olhos clínicos, para saber com quem vai ficar. “Esse é mais forte, mas será que vai ser grande demais? Aquele é bem clarinho. Um é mais calmo e o outro tem um temperamento dominante. Essa fêmea tem as unhas pretas, aquela outra não. E olha só a ossatura desse filhote!”

Se for um criador iniciante, daqueles obstinados, vai ficar com toda a ninhada, como já fiz no início. Aos poucos, vai desenvolvendo uma percepção mais acurada com relação ao futuro dos filhotes. Até educar o olho. Antes disso, erra muito na previsão, só com o tempo acerta mais. E às vezes a lógica não funciona, quando vê o miudinho da ninhada transformado num cão exuberante e correto quando adulto.





Filhas de Flor & Lex ( Leo Nabuco )



Aí chega o momento crucial da escolha do futuro proprietário, ciência oculta da premonição, que nem os magos dominam. Preocupado com o futuro daqueles seres amados, ele começa outra maratona: fotografa filhotes que não param quietos, faz vídeos, oferece, estabelece contatos com os pretendentes, analisa, desconfia, e lhes pergunta as coisas mais bizarras. Quer ter a impossível certeza de que não vai errar na decisão, e que aquele filhote vai ser um pug muito feliz e amado em seu novo lar, até o final da vida.

Ninhada entregue, missão cumprida. O pequeno eleito ficou no canil. Mas, como tudo passa, depois de pouco tempo, ele se esquece da trabalhadeira. Novamente escolhe um casal de pugs que tenha pedigrees compatíveis e qualidades que se completem. Aguarda o cio da fêmea e, insano, repete tudo de novo e de novo. Mesmo sabendo que será preciso estar sempre próximo (não adianta programar viagens). Que vai ter que abdicar de outros interesses, isso é parte do processo. Que se não se encaixar no perfil, vai ter que escolher outra raça mais responsável e cumpridora dos deveres. Porque compromisso não é para um pug: Esses amados cães são malandros irresistíveis, que ganham o que querem com um grande poder de sedução. Para criá-los, terá que ser assim.





Ele sabe também que é inútil resistir, pois ser criador de pugs é um estado de espírito. Sem dúvida, um estado patológico, mas, pensando bem, não me parece haver um estado normal de ser. Pode-se dizer que ele possui a mente movida a cálculos, que sempre visam a resultados em suas ninhadas: raciocina pedigrees, estuda o padrão da raça, passa a conhecer de genética e testa os cruzamentos, visando à perfeição nos filhotes. Não consegue perfeição nenhuma, é claro, mas nunca deixa de tentar. Já fica feliz em passar perto, enquanto vai aprendendo com erros e acertos, aos tropeços, sabendo de antemão, que vai ter que contar com uma boa dose de sorte.



Mas uma vez criador, sempre criador, mesmo que aposentado.

Quando castrei as duas últimas fêmeas que faltavam em nossa casa, confesso o aperto que senti no peito, mesmo estando muito certa da minha decisão. Logo depois tive um sonho, desses a cores, que a gente acredita serem reais: inesperadamente Dona Flor, prata de nossa casa, estava dando à luz. Eu fiz o parto, e vi um filhote único brotar nas minhas mãos: era um machinho muito forte.

Mas esse do sonho não tinha nascido como nascem os pugs, com o pelo escuro. Ele já tinha a cor de um bege clarinho e o formato quadrado do corpo de um adulto. As pernas bem grossas me chamavam a atenção.

Comemorei, dizendo a frase preferida de um criador: “Vou ficar com este!” Tirei fotos e liguei para os amigos, comunicando a chegada daquele que seria o último pug nascido em nossa casa.

Já acordada, entrei na realidade: Dona Flor, embora cheia de vida e alegria, já estava castrada e tinha acabado de completar dez anos de idade.

Chorei feito criança.





Flor aos 10 anos



## Nem Sempre Tão Amigos

A briga começou do nada, como era de hábito. Mais do que os pugs, eles eram donos de um temperamento obstinado, quase impossíveis de se controlar. Muito musculosos, difícil segurar um corpo forte que não dava pega, redondo, roliço. E eu tinha que usar de uma força muito acima da minha capacidade, pois, durante toda a vida, exerci uma atividade que exigia uma firmeza delicada, nunca a força. Agora precisava dela, naquela hora de emergência. Situação controlada, eu caía sentada no chão, tonta pelo esforço.



Shamantha & Tábata



Assim foi com os bulldogs, durante dois anos, pois nem só de pugs vivemos nós.

Primeiro compramos as fêmeas Samantha e Tábata. Depois, chegou Barry, um macho completamente branco. Todos detestando os pugs, naturalmente. Estes, por sua vez, provocavam os grandões como podiam, através das grades.



Samantha



Tábata



Vicky & Barry



Vicky & Barry no sofá



As duas raças só conviviam, enquanto os bulls fossem filhotes.



Pug & Bull



Dois Pugs & um Bull



E que lindos filhotes!



Para tê-los, vivenciamos as dificuldades já conhecidas com os pugs: a mesma saúde delicada, as cesarianas, a indiferença das fêmeas com os bebês.



Shamantha & ninhada



Certa vez, Tábata colaborou, de forma não espontânea, é claro, na amamentação de uma ninhada de pugs. Apesar de muito conveniente, preferimos não repetir a experiência, já que ela rosnavava ao prestar o favor.

“Tábata, o que está na sua boca? As asas de uma borboleta se debatendo? Solta a coitada!” Afastadas as mandíbulas poderosas, o inseto saiu voando, milagrosamente vivo.

E o que era aquilo, saindo do ânus de Tábata?

“Não puxa! Espera, vamos verificar.”

Era uma guia, engolida provavelmente no dia anterior, o que não tinha modificado em nada a disposição e o apetite da bulldog. Uma cirurgia retirou o objeto com segurança.

Tábata e Samantha disputavam tudo entre si, de forma ferrenha. Ao se tomarem adultas, passaram a viver separadas. Quando levadas a passeio, iam lado a lado, ignorando uma à outra. Mas bastaria que cruzassem o portão de entrada, para se engalfinharem ferozmente.



Tábata amamentando Pugs



Barry tinha o péssimo hábito de pular as cercas. Fomos aumentando a altura delas, as mesmas que continham os pugs com facilidade. Mas ele treinava mais e mais, pulando alturas cada vez maiores e mais incríveis. Certa vez, ouvi apelos de socorro vindos da rua. Os pugs latiam, enfurecidos com a barulheira. Fomos em auxílio, na direção dos gritos, e lá estava a vizinha, com os braços levantados, segurando a sua pequena shitzu, o mais alto que podia. Barry, rodeando as duas, dava saltos acrobáticos para alcançar a fêmea. Não me lembro de termos corrido tão rápido em toda a vida, meu marido e eu. A cadela no cio fora o chamariz irresistível para aquele aplicado atleta.

Os bulldogs são muito amorosos com os humanos e, talvez por isso, tenhamos relutado em parar de criá-los. Mas acabamos por desistir, temendo alguma fatalidade no encontro deles com os pugs. Encaminhamos todos para amigos nossos, que os receberam com igual ou maior carinho que nós.



Barry



Há vinte e um anos atrás, ainda filhote, Buck subiu a serra conosco ao nos mudarmos do Rio de Janeiro para Juiz de Fora.

Morar numa casa exigia um cão de guarda. Mas um de temperamento equilibrado, pois nossos filhos adolescentes certamente teriam inúmeros amigos, entrando e saindo de casa, sem parar. Para isso, nada melhor do que um dogue alemão.



Buck





Buck era como um filho único, muito mimado, sem outros cães que disputassem com ele as atenções de toda a família. Enquanto filhote, gostava de se sentar no colo das pessoas. Mas foi crescendo, crescendo, até não caber no colo de mais ninguém. Essa foi sua primeira perda. A segunda, e mais dolorosa, foi a chegada de Lolita. Assim que se tornou adulta, ela passou a exercer a liderança, submetendo o gigante à sua tirania. Depois, a casa foi se enchendo de pugs. Além de mimado, Buck então se tornou ranzinza e reclamão.

Ele tinha um sentimento de proteção todo especial para comigo. Quando andávamos de carro, ele e eu, Buck não permitia a entrada de mais ninguém dentro do veículo. À menção do ingresso de qualquer pessoa da família, ele fazia ecoar seu latido poderoso naquele espaço restrito. Então, aprendemos que era preciso obedecer a uma ordem de entrada: todas as pessoas primeiro, depois o grandão, e finalmente eu, a sua protegida.



Buck caminhava conosco pelas ruas, causando sensação. Certo dia, ao nos aproximarmos de dois garotos, ouvimos a conversa:

“É um cachorro.”

“Não, é um bezerro”

“É cachorro”

Passamos pelos dois em silêncio.

“Não falei que era um bezerro?”

Buck cumpriu sua tarefa com louvor, vivendo incríveis e longos treze anos para uma raça gigante. Certamente pelo tratamento VIP, o que incluía dormir num colchão ortopédicos, para que não tivesse calos nos cotovelos.



Buck & Eduardo



Estourou a boiada! Como uma explosão. Não havia cerca que segurasse, morro abaixo, morro acima. No meio do furacão, latindo e mordendo as pernas do gado, seguia a causadora de tudo: Seville, intrépida fazendeira, a whippet de minha mãe.

Ela morou em nossa casa por muitos anos, e a fazenda era o seu passeio predileto, junto com Vivi e Lolita. Até o dia em que pulou da varanda, de uma altura de três metros, para nos acompanhar. Saiu ilesa, mas não voltou mais lá, como medida de precaução.

Da mesma idade de Lolita, a whippet tinha por ela um respeito e temor absolutos, sentimento que se estendeu a todos os pugs. Ela os evitava, sempre que podia, à exceção de Bonnie, com quem convivia sem problemas. Quem sabe procurava apoio na facção contrária, visando a se proteger de Lolita? Como saber o que elas conversavam na sua linguagem corporal, cheia de odores e sons?

Certo dia, em Juíz de Fora, Seville caminhava conosco numa área segura e sem acesso de carros, onde resolvemos tirar a sua guia para que pudesse correr à vontade. Só não sabíamos de sua queda por futebol. Enquanto a pelota rolava no campo, ela se intrometeu no jogo, perseguindo a bola e mordendo os calcanhares dos jogadores. Reclamações mais do que justas, pedidos de desculpas, vamos logo para casa!



Seville

Seville viveu quinze anos. Já madura, vivia esticada sobre as poltronas, causando inveja a todos os pugs. Segundo nossa filha, por serem eles gordos e baixos, sendo ela tão esguia e elegante.











BR & Leticia

Teve também a pequena BR. Sempre resgatamos os cães abandonados que encontramos em nosso caminho. Depois de atendidos pelos veterinários, e sanados os seus problemas, eram castrados e encaminhados para adoção.

Mas BR acabou ficando conosco. Foi resgatada ainda filhote na estrada BR-040, daí o seu nome. Era habilidosa na relação com os pugs. Nunca os desafiava, e nem se filiava a nenhum partido. Não se metia nas brigas, limitando-se a latir em volta do grupo, enquanto eles se misturavam num bolo disforme, desferindo mordidas indistintamente.

Muito grata a todos e tão vivida em sua pouca idade, ela compreendeu logo que teria que se adaptar às regras de uma sociedade já estabelecida, para viver entre nós.

É bem possível que BR acreditasse ser um pug, ou mesmo fingisse ser um deles. Talvez por isso tenha sido tão prontamente aceita na comunidade de nossos cães, tão elitista.





BR & Hadija



## Os Filhos Pródigos e os Novos Ventos

Despertador tocando, eu mal compreendo o que está acontecendo. Sim, dia da comida. Tudo pronto, seguimos de carro para o mercado que faz vendas no atacado, afastado da cidade. Lugar de muito movimento, de vai-e-vem de pessoas, de caminhões chegando com a mercadoria para descarregar. Começa a nossa compra. Saco de batatas de cinquenta quilos. Abóbora, cenoura, beterraba e outros legumes, trinta quilos. Tudo recém-colhido. Pescoço de frango. Cinquenta quilos de carne moída. Peixe fresco, azeite extravirgem. Alho, arroz, levedo de cerveja em pó.

Volta para casa. Descarregar o carro. Lavar, picar, moer, cozinhar. Pesar e acondicionar cada ingrediente em embalagens para um dia de consumo. Colocar no freezer. Tudo pronto para alimentar vinte pugs por trinta dias. Uma cozinha só para eles, todos envolvidos na tarefa. No mês seguinte, tudo se repete. Assim tem sido, há um ano e meio.



Preparo da comida



Essa história começou há anos atrás. Quatro pugs nos chegaram, e foram recebidos com muita alegria. Já maduros, três deles nascidos em nossa casa: Boogie Woogie, Lili Shot Gun e Talita. E Bartô que, mesmo tendo nascido em outro canil, possuía nossa linha de sangue, pois é filho de Bill e de Talita.









Lili Shot Gun, apesar do nome, era a pug mais doce que já vi. Nos cinco anos em que viveu conosco, ela se apegou a mim e veio preencher em parte o lugar de Preferida, que falta me fazia. Ficava no meu colo, horas seguidas, todas as manhãs, enquanto eu digitava no computador, tendo os outros aos meus pés.

Ela adoeceu aos onze anos de idade. Ficou prostrada, tinha diarreias ocasionais e, às vezes, vomitava. Os veterinários constataram anemia e comprometimento hepático severos. Durante quatro meses, nos empenhamos para que Lili melhorasse. Internações, transfusões de sangue, mas a saúde foi se deteriorando gradativamente. As pernas inchadas, não queria mais comer. Seguiu dessa forma, até se despedir de nós.



Lili Shot Gun



Tivemos outras baixas em nosso contingente de pugs por problemas digestivos, cuja origem os veterinários não conseguiam precisar. Da mesma forma, as belas Gisele Bündchen e Flavia se foram, essas relativamente cedo, aos nove anos de idade.

Em alguns, o quadro já começava de forma aguda e ia se degenerando numa intolerância alimentar incontrolável até o óbito. Em outros, a evolução era mais lenta, nem por isso menos fatal.

Já bem idoso, Bill adoecera como os outros. Apetite caprichoso, magro, pernas inchadas pela anemia e fígado aumentado, apesar de todo o tratamento que lhe era dado. Embora não apresentasse um quadro agudo, não me dava grandes esperanças quanto à sua sobrevivência. Mas ele resistia.



Flavia





Bartô aos 9 anos

Bartô começou a repetir a mesma história, numa diarreia que o assolava por quarenta dias. As alterações hepáticas e a anemia já começavam a se apresentar, e decidi que era chegada a hora de tomar uma providência, pois, assim como acontecera com os outros, o tratamento não produzia resultado.

Apesar da competência e dedicação dos veterinários, a medicina ocidental falhara no uso de antibióticos, de protetores hepáticos e das rações específicas para organismos sensíveis, de preço abusivo, e que os pugs detestavam.



Uma causa plausível era a própria comida na forma de ração, mesmo sendo ela da melhor qualidade. Seria então feita a tentativa de substituição pela comida caseira. Foi oferecida ao Bartô uma pequena quantidade de carne moída com arroz bem cozido, que ele devorou com prazer. Aumentamos aos poucos a quantidade da iguaria, e ele nunca mais teve diarreia. O problema tinha sido resolvido de forma definitiva. Suspendemos os medicamentos.

A partir de então, empreendemos uma pesquisa frenética, sob a orientação do Dr William Estellai, veterinário amigo, especializado em Acupuntura e Medicina Tradicional Chinesa. Buscamos informação nos livros especializados, de linguagem completamente nova para mim, e pesquisamos extensivamente na web.

E por que não estender a todos o benefício de uma alimentação natural? Apostamos nisso com o objetivo de evitar casos futuros, mesmo que a nova decisão implicasse em mudança drástica no dia a dia do canil. Mais uma vez, o bem-estar dos cães exigia de nós muito trabalho e dedicação.

Com o auxílio de uma nutricionista, começamos uma verdadeira maratona para estabelecer uma dieta adequada. O desafio era balancear a comida de forma confiável, para oferecer as necessidades diárias de cada ingrediente, estabelecendo proporções. Em se tratando de alimentar vinte bocas ávidas, também era fundamental que a dieta se mostrasse viável, fácil de fazer.

Após várias tentativas, com erros e acertos, chegamos enfim à elaboração de uma dieta balanceada para os pugs.



Bill aos 13 anos, depois da cura, esperando pela comida



Passado um ano e meio de uso da comida caseira, o resultado é visível em todos os pugs. O pelo é ainda mais sedoso que antes, como um veludo. A pele é saudável. Parte urinária sem alterações. Ouvidos limpíssimos. A silhueta roliça de alguns cedeu lugar a uma forma física mais enxuta.

Bill, aos treze anos, teve os exames de sangue completamente normalizados. Seu apetite é voraz, engordou e as pernas não incham mais. Em todo o plantel, nunca mais problemas digestivos. E para culminar, fezes sem cheiro! É o céu do criador de pugs!





Bartô aos 10 anos depois da nova dieta



O canil vinha mantendo uma rotina inalterada por alguns anos. Quando a mesmice parecia ter chegado definitivamente em nossa casa, um vento novo tirou a poeira acumulada pelos cantos. Nesses cantos onde filhotes não brincam mais em sua eterna comemoração de estarem vivos, onde machos não cruzam e fêmeas não parem. Onde os pugs repetiam a mesma rotina e os mais velhos decaíam, adicionando à vida mais e mais remédios, vários exames e a partida.

A Medicina Tradicional Chinesa, a acupuntura e a fitoterapia passaram a tratar de forma precoce quaisquer sintomas de nossos pugs, antes que o desequilíbrio se instale.

Disposição inesperada nos idosos, nesse plantel constituído em sua metade por cães que já viveram mais de dez anos. A excitação na hora da comida revela a satisfação dos pugs, ao atendermos um dos seus maiores prazeres: comer. Talvez o único comparável à alegria de conviver com seus idolatrados humanos. Agora, não mais a ração seca e árida, mas uma comida saudável, variada e natural.

De volta, a disposição dos velhos tempos.

Remoçamos, eles e eu!







## A gente faz uma coisa por um tempo

A grande lição aprendida com o canil foi relativa ao imponderável. Custei a me dar conta de que eu não tinha o menor controle sobre os acontecimentos, embora resistisse bravamente, tentando fazê-lo, à feição de um Dom Quixote.

Algumas vezes tudo parecia funcionar, fosse ao rigor com que eu escolhia os proprietários para os filhotes, ou no manejo atento com a raça de saúde delicada. Fosse à seleção de novos exemplares, ou no cruzamento bem planejado entre os pugs do canil.

Mas, outras vezes, quando tudo se mostrava favorável, o imprevisto se manifestava. Aquela pessoa que me parecia o dono ideal para o filhote, não cumpria o requisito mínimo para se encaixar no perfil desejado. O pequeno que lhe fora entregue saudável e feliz, tão cercado de cuidados e recomendações, levava uma vida miserável! Seriam necessárias muitas noites de angústia para que eu me conformasse com o destino do cão.

Ou quando aquele pug alegre entrava na sala de cirurgia para alguma intervenção, às vezes banal, como a limpeza dos dentes, e nós o perdíamos por uma complicação anestésica tão comum na raça. Assim como aconteceu com Betty Boop, com Puppy e com a bela Carol.



Carol





Mas o imponderável também trabalhava a nosso favor, o que nos fazia continuar aquela paixão, no limiar da insanidade, quando o padreador adquirido para fazer parte de nosso plantel nos brindava com uma progênie de excelência, ao cruzar com nossas fêmeas.

Apaixonante o trabalho de seleção genética, coroado pelo nosso maior encantamento: o nascimento de uma ninhada saudável.

Ou ainda quando a mãe nos fazia o enorme favor de cuidar dos seus filhotes, que cresciam exuberantes. Com o passar dos anos, a experiência já nos conferia o privilégio de raramente perder um deles.

A sorte também soprou a nosso favor quando fizemos uma longa viagem, levando duas fêmeas para cruzarem com padreadores excepcionais, e residentes em país distante, e elas nos brindavam com suas ninhadas lindas e saudáveis.



Filhotes de Carol & Shadow



Inesquecíveis as vitórias nas pistas!

BISS Nabuco's Memphis Belle nos EUA





Gratificante também era fazer amigos entre aqueles que nos compraram filhotes e seguiam com eles, em campanhas vitoriosas nas exposições. Tranquilizador quando os pugs vendidos eram amados por eles até o final de suas vidas.

Todos aqueles eram momentos gloriosos, onde tudo estava ilusoriamente sob controle, pois nada acontece só porque desejamos, ou deixa de acontecer porque conseguimos evitar. Sem dúvida, temos que fazer a parte que nos cabe. Depois, tudo simplesmente acontece, ou não.



Nina & Nabuco's Black-tie na Russia



Hoje vejo a história do nosso canil como algo que fluiu ao meu encontro. Desde o início, como um rio me carregando em correnteza forte, que nem a medicina impediu.

Nossos pugs se tornaram conhecidos em todo o mundo, e criadores de dezesseis países adquiriram cães Nabuco, muitas vezes mais de um exemplar.

Um amigo que havia adquirido um filhote em nossa casa estava a passeio em Barcelona, quando viu alguém caminhando com dois pugs. Obedecendo à atração que os proprietários da raça exercem entre si, eles conversaram, até descobrirem que ambos possuíam cães do nosso canil.



Ariel ROM



Um juiz americano, julgando na Europa, identificou um de nossos cães pelo formato da cabeça, o que significava que um tipo já havia sido criado em nossa linhagem, e já era reconhecido pelo mundo cinófilo.

A missão do criador estava cumprida.







Lola no computador

Desde o início, investi, estudei muito, trabalhei duro como nunca, e, acima de tudo, amei cada pug que passou pelas minhas mãos. Foi necessário todo esse empenho, mas além dele, foi indispensável que a existência conspirasse a favor. A duras penas, aprendi que é bom fazer o melhor, pelo simples prazer de fazê-lo, independente dos resultados. Porque sempre à espreita está o imponderável, e é inútil resistir a ele.



E, como meu coração já não reagia bem a tantas emoções, achei prudente recuar. Já não tínhamos a juventude de antes, que nos permitia sobreviver ao esforço de colocar os filhotes para mamar a cada duas horas nas displicentes mães, que nos espiavam com olhares de adoração pelas noites insones. Estávamos meu marido e eu cansados e suscetíveis às perdas, assim como nossas funcionárias.

As ninhadas foram escasseando. Acabei percebendo uma realidade tão óbvia para quem está de fora, mas tão distante durante o tempo em que os criei. No início, eram muitos nascimentos e poucas mortes, pois nossos cães eram em sua maioria bem jovens. Mas a relação foi se invertendo, enquanto o plantel envelhecia, e nós também.

Passei um tempo inconformada, resistindo à realidade dos fatos, enquanto o entusiasmo esmaecia. Embora amando tanto a raça, era tempo de parar. Anunciei a minha decisão, recebida com descrença por alguns e aflição por outros, principalmente pelos que aguardavam há tanto tempo um filhote Nabuco, e isso era comum.

Hoje sinto saudades, quando vejo em tantos países do mundo os filhotes que carregam a nossa linha de sangue, com aquelas carinhas inconfundíveis, o corpo estruturado e os ossos fortes. Mas conheço a impossibilidade de tê-los em nossa casa novamente.

Compreendo também o entusiasmo das pistas como algo que teve o seu lugar, e que não caberia mais em nossa realidade.







Os vinte pugs que ainda estão conosco, tão amados, em sua quase maioria já passam dos dez anos. De tanto vê-los partir, aprendi a lidar com a morte de modo mais sereno, na compreensão da vida como um ciclo que se completa. Hoje há uma paz que vem da aceitação de tudo o que acontece, e aproveito bastante a companhia de cada um, principalmente dos mais idosos. Agora, como algo precioso, carrego a certeza de que só fazemos aquilo que nos está reservado fazer, e pelo tempo previsto, nunca além dele.

Enquanto eu viver, terei um pug a meus pés. Algum que carregue o tipo que selecionamos, nesse trabalho artesanal, de tantos anos. Como seguir sem a alegria dessa raça tão especial, que dá e solicita amor? Sem o pelo que deixam cair por onde passam, sempre nos admirando com olhos grandes e brilhantes, enquanto a cabeça redonda se vira de lado, tentando entender as pessoas, tão difíceis! Como seria sem esses pequenos seres que nascem, vivem e morrem celebrando? Sempre desejando a melhor parte, que é conviver com seus adorados humanos. Numa lição tão simples, e que custamos tanto a compreender, a de usufruir sem se agarrar ao que nos escapa, tentando controlar o incontrolável. Dançando a vida, simplesmente, do frescor do nascimento até a paz da morte.





Helô aos 15 meses com Marcelo Coelli



Helô aos 14 anos com Marcelo Coelli





## Déjà Vu

Já faz algum tempo, quando uma criadora amiga me perguntou se nunca mais nasceria um pug com o prefixo Nabuco. Num relance, me veio à mente a imagem dos filhotes, bolinhas de pelo, encantadas com a vida. Olhos grandes, irresistíveis sedutores!

E me lembrei do prazer de acompanhar seu crescimento, de ver desabrochar, em cada um, as qualidades que tentávamos desenvolver e perpetuar.





Desde a cabeça harmônica, de orelhas pequenas e bem posicionadas, à cauda enrolada sobre o dorso curto.



Little Lola



As perninhas grossas e retas como pequenas estacas que davam estabilidade ao corpo quadrado, forte. O pelo denso e macio, como a pelúcia de um brinquedo.

Quanta alegria nos pequenos pugs, a ninhada solta, o bando correndo e descobrindo o mundo!



João Gilberto EUA



Respondi com uma pergunta:

“Mas tudo isso de novo?”

E ela começou o seu discurso, que me encheu de surpresa, tão inesperado, depois de alguns anos passados da última ninhada em nosso canil.

Conversamos bastante, tecendo hipóteses, revendo decisões, pois tudo muda, todo o tempo.

A vida acontece agora, e não nas nossas lembranças, mesmo sendo elas as mais caras.

Mas isso já é o começo de uma outra história.





# NABUCOS NAS PISTAS



Nabuco's Ana Livia (Lili) - Brasil





Nabuco's Ariel Princess - EUA





Nabuco's Átila - Noruega





Nabuco's Billie Jean - Alemanha





Nabuco's Black-Tie - Russia





Nabuco's Blackout - Itália





**Nabuco's Born To Win - Brasil**





Nabuco's Brazilian Buddy - França





**Nabuco's California Dreaming - Brasil**





Nabuco's Casanova - Itália





Nabuco's Cauan - Argentina





Nabuco's João Gilberto - EUA





Nabuco´s Joe Satriani - Espanha





Nabuco's Memphis Belle - EUA





Nabuco's Moka - México





Nabuco's Ornella - Itália





Nabuco's Over the Rainbow - Chile





Nabuco´s Playboy - Áustria





Nabuco's Rick Martin - Portugal





Nabuco's Rolls Royce - Polônia





Nabuco´s Tarja - Espanha





Nabuco's Tequila II - México





Nabuco's Thobias - Alemanha



**Nabuco**Pugs

[www.nabucopugs.com](http://www.nabucopugs.com)

